



UM CORPO ESTRANHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A DOCÊNCIA MASCULINA EM QUESTÃO

Marciano Antonio da Silva¹
José Diêgo Leite de Santana²
Allene Carvalho Lage³

Resumo

A sociedade ocidental moderna cria códigos que inscrevem nos corpos dos/as sujeitos/as o seu modo de existir. Cria-se uma ordem hierárquica e patriarcal que naturaliza para os homens o espaço público, símbolo do poder e para as mulheres, o espaço doméstico. Os espaços escolares tornam-se extensão do doméstico e o professor homem na educação infantil torna-se corpo estranho. A pesquisa tem como problema: quais os principais condicionantes que contribuem para o processo de estranhamento do professor homem no contexto da educação infantil? O objetivo geral é compreender os principais condicionantes que contribuem para o processo de estranhamento do professor homem no contexto da educação infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica.

Palavras-chave: Corpo. Docência. Educação Infantil

Introdução

A construção da sociedade ocidental moderna esteve marcada por um conjunto de dispositivos e discursos regularizadores responsáveis por ditar os/as sujeitos/as⁴, seus corpos e espaços, a partir da implementação de uma série de códigos, símbolos, que serviram para classificá-los conforme os interesses das classes dominantes. Esse movimento esteve ancorado numa lógica binária, que ora serviu para hegemonizar determinados sujeitos/as, outrora, para subalternizá-los/as. Homem/mulher, macho/fêmea, ativo/passivo são exemplos de configurações sociais que estabeleceram/estabelecem uma ordem hierárquica na cultura patriarcal, delimitando o lugar social que cada sujeito/a deve ocupar na sociedade. Seguindo


¹ Atualmente é Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA). Licenciado em Pedagogia pela UFPE-CAA. E-mail: marcianoantoniosilva@gmail.com

² Atualmente é Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA). Licenciado em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação de Pesqueira - ISEP. E-mail: dijo.santana@hotmail.com

³ Professora Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (PPGEDUC-CAA) e do Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos (PPGDH) da UFPE. E-mail: allenelage@yahoo.com.br

⁴ O poder da linguagem permite não só comunicar, mas também produzir identificações. Esse pensamento de Maria do Carmo Gonçalo Santos (2016) possibilita o uso do termo sujeita.





essa lógica, coube os espaços públicos para homens, pois, esses demandavam poder e os espaços domésticos para as mulheres. Para além de colocadas socialmente, as instituições atuaram de maneira coercitiva, criando instrumentos para que essa lógica fosse mantida.

Diante desse quadro, a organização do contexto escolar esteve estruturada dentro desses pressupostos. Portanto, as instituições de ensino foram pensadas enquanto sendo uma extensão do espaço doméstico⁵, ou seja, lugar de/para serem ocupado por docentes do sexo feminino, sendo estas, posteriormente, tidas enquanto mães espirituais e seus alunos/as como sendo seus filhos (LOURO, 1997, p. 97). Dada a configuração desse território, percebemos que o corpo, ou melhor, a construção em torno deste, ocupa um lugar central para que venhamos entender como esse disciplinamento em torno das estruturas corporais se organizou. Compreender esses condicionantes que regulam as relações sociais nos parece uma tarefa urgente, tendo em vista que essa lógica está ancorada em fundamentos arcaicos que geram uma ditadura sob os corpos dos/as sujeitos/as, determinando seus lugares.


Em meio esse cenário, a educação infantil, por desenvolver um trabalho com um público de faixa etária entre (0-5 anos), foi idealizado enquanto sendo um campo profissional feminino. Para efeito, na medida em que o imaginário social se fundamenta nessa concepção, consecutivamente, é elaborado um conjunto de estratégias para que outros/as sujeitos/as não venham desestabilizar essas situações que são cristalizadas e tidas enquanto inquestionáveis. É imerso nessas construções que os professores homens têm enfrentado uma série de resistências e estigmatizações, sendo impedidos de desempenhar a atividade docente com esse público.

Considerando essa dimensão, percebemos que essas situações estão demarcadas por linhas imaginárias que delimitam a organização desse espaço, tendo por base uma fundamentação arraigada em concepções socioculturais alimentadas no curso da história. Assim sendo, as masculinidades tomam outra forma nessas relações, pois os argumentos colocados em xeque não partem da profissionalização do professor homem, mas da sua condição de homem/macho num território que foi naturalizado enquanto feminino. Sob esse viés, o professor homem é percebido enquanto um corpo estranho, tomado a partir de um teor de anormalidade, visto que no imaginário social os homens ocupam profissões tidas enquanto de prestígio social.

Perseguindo esses questionamentos, nosso estudo busca entender como e por quais motivos ocorre esse estranhamento em torno da figura masculina. Para tal, tomamos como

⁵ Essa ideia ganha força a partir do processo de feminização do magistério que ocorre na segunda metade do século XIX (LOURO, 1997, p. 95).





sendo pergunta central do nosso trabalho: “*Quais os principais condicionantes que contribuem para o processo de estranhamento do professor homem no contexto da educação infantil?*”. Dada nossa pergunta, que norteará nosso estudo, tomamos enquanto sendo objetivo geral do nosso trabalho compreender os principais condicionantes que contribuem para o processo de estranhamento do professor homem no contexto da educação infantil. Quanto aos objetivos específicos, temos: (i) identificar os principais elementos que contribuem para o estranhamento do professor homem nesse espaço; (ii) apontar as principais dificuldades enfrentadas por professores homens para ingressar nesse espaço.

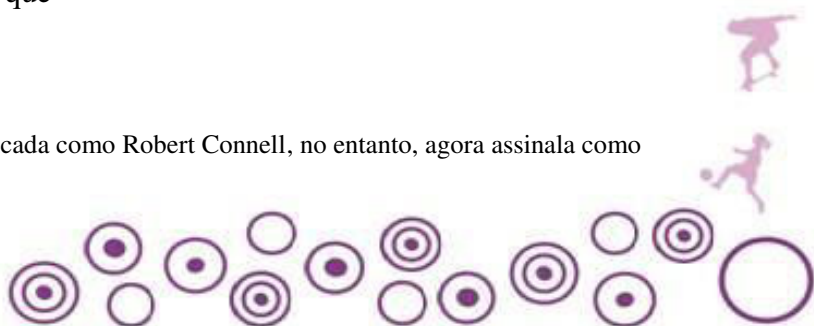
Discussão teórica

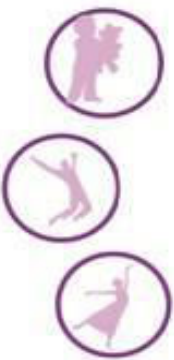
No texto “*Pedagogias da sexualidade*”, a pesquisadora Guacira Lopes Louro, esclarece que a construção dos corpos ocorre através de um sistema de significações que atuam enquanto dispositivos reguladores da prática social (LOURO, 2000). Esses condicionantes são responsáveis por criar estruturas que categorizam os/as sujeitos/as dentro de determinados arranjos. Assim, no decorrer desse processo, o corpo é educado e condicionado para atender determinadas práticas que são estruturadas, tendo como base as diferenças biológicas desse corpo.

Nesta perspectiva, entendendo o gênero enquanto uma construção histórica que perpassa as relações sociais, a pesquisadora Raewyn Connell⁶ (1995) pontua que “No gênero, a prática social se dirige aos corpos. Através dessa lógica, as masculinidades são corporificadas, sem deixar de ser sociais” (CONNELL, 1995, p.189). Com base na autora, compreendemos que a dimensão do corpo é tomada enquanto dispositivo de reprodução daquilo que foi naturalizado como sendo masculino ou feminino. Para tal, são criados instrumentos de regulamentação e monitoramento para que esse corpo venha atender aquilo que foi naturalizado enquanto sendo “normal”.

Mediante esse processo, as masculinidades podem ser identificadas sob a ótica de construções históricas, as quais atuaram num processo de disciplinamento para que esses corpos viessem reproduzir um modelo de masculinidade idealizado pelo patriarcado. A despeito, instâncias como a igreja, a escola, a mídia, desempenharam um significativo papel dentro desse quadro, atuando a partir de processos de pedagogização desses corpos. Ao tratar dessas relações, Bourdieu (2012) destaca que

⁶ Vale ressaltar que sua produção se encontra indicada como Robert Connell, no entanto, agora assinala como Raewyn Connell.





O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depósito de princípios de visão e divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, e ela mesmo inscrita, com a divisão do trabalho na ordem social (BOURDIEU, 2012, p. 6-7).

Nesse movimento de categorização dos/as sujeitos/as, se estruturou um processo de divisão dos espaços e profissões, cabendo as mulheres o contexto do lar e consecutivamente da educação nos anos iniciais da educação básica, conforme sinalizado anteriormente. Contudo, a presença do professor do homem nesse território foi entendida enquanto algo desviante, que foge da regra, estranho, pois, no imaginário social esse território estava/está predeterminado a figura da professora ou simplesmente tia.

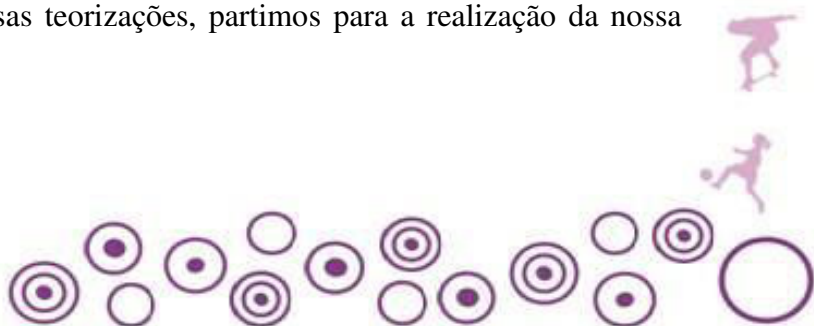
Considerando as discussões travadas nesse campo, percebemos que o corpo obedece a uma estrutura que é responsável por ditar as atividades a serem desempenhadas por mulheres e homens nessa sociedade patriarcal. Desse modo, para estes últimos, não cabem determinadas ações, pois essas, colocariam em questão sua masculinidade, outrora, entendida também como virilidade. Sob esse viés, a pesquisadora Silvana Vilodre Goellner (2012) explica que


Pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura é, simultaneamente, um desafio e uma necessidade. Um desafio porque rompe, de certa forma, com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes o corpo é observado, explicado, classificado e tratado. Uma necessidade porque ao desnaturalizá-lo revela, sobretudo, que o corpo é histórico (GOELLNER, 2012, p. 28).

É partindo dessa premissa de desnaturalizar as construções arcaicas impostas sobre os corpos no curso da história que partimos. Compreendendo, que essas relações estão marcadas por uma série de desigualdades que visam a manutenção de um sistema de dominação de ordem patriarcal e sexista na nossa sociedade. Pensar em estratégias de subversão, consiste num exercício de reflexão diário e de mudança de nossas práticas.

Percurso Metodológico

O caminho metodológico adotado no desenvolvimento dessa pesquisa, parte das principais discussões travadas por pesquisadores/as que tratam dos procedimentos teórico-metodológicos das pesquisas em educação (LAGE, 2013; MARCONI; LAKATOS, 2003; GIL, 2008). Desse modo, ancorado nessas teorizações, partimos para a realização da nossa proposta de pesquisa.





Dentro desse quadro, tomamos a abordagem qualitativa enquanto perspectiva norteadora do nosso estudo. A pesquisa bibliográfica assume a característica central do nosso trabalho, tendo em vista que partimos dos estudos realizado por outros/as pesquisadores. Para tal, fazemos uso da pesquisa exploratória e posteriormente explicativa para tratar do fenômeno estudado.

Análise e sistematização dos dados

O campo da docência é compreendido enquanto um espaço de atuação profissional diverso, dada as várias etapas e níveis de ensino que possibilitam o exercício dessa atividade. Desse modo, não podemos categorizar ou mesmo restringir a entrada de profissionais tendo como base construções arcaicas que não possuem nenhuma base legal. Romper com os fundamentos sexistas que se impõe nesse espaço, e consecutivamente nos corpos daqueles que exercem à docência, consiste em subverter as dicotomias de gênero que durante muito tempo atuaram num processo de classificação dos/as sujeitos/as.


Partindo dessa premissa, a preferência tomada por professores homens pela atuação docente nos espaços da educação infantil deve ser encarada enquanto uma realidade presente na sociedade contemporânea, pois, esses sujeitos já não conseguem se perceber dentro desses enquadramentos binários que foram impostos/naturalizados pelo sistema patriarcal. Tecer novas narrativas para o campo da docência, pressupõe atender as demandas que emergem em meio as (re)configurações da contemporaneidade.

Nesta perspectiva, ser/estar professor/a não pode se encontrar entrecruzado em categorias sexistas que atuam enquanto demarcadores para reforçar lógicas binárias ou mesmo para excluir determinados/as sujeitos/as. Ao invés disso, precisamos encontrar novos sentidos para a atividade docente, agora não mais estruturado num universo demarcado através de categorias, mas reorganizado por meio de concepções que tem em mente a prática docente enquanto atividade profissional para formação de sujeitos/as de direito.

Por outro lado, identificamos que o estranhamento com a presença do professor homem se encontra profundamente arraigado em concepções machistas que foram cristalizadas no curso da modernidade. Para efeito, essa profissão não se enquadraria dentro dos espaços sociais que são pensados para serem ocupados por homens, pois demandaria algumas práticas que são tidas enquanto femininas. Diante dessas construções, Connell (1995) esclarece que

[...] devemos pensar a construção da masculinidade como um *projeto* (no sentido de Sartre) perseguido ao longo de um período de muitos anos e através de muitas voltas e reviravoltas. Esses projetos envolvem encontros complexos com instituições (tais





como escolas e mercados de trabalho) e com forças culturais (tais como a comunicação de massa, a religião e o feminismo). (CONNELL, 1995, p. 190).

Ao olhar para essa realidade, percebemos que as relações que perpassam os professores homens com a educação infantil, estão situadas em demarcações de gênero, onde as construções sobre a figura masculina impõem determinados modelos hegemônicos. É preciso perceber que essa força imaginária marcada por símbolos tem condicionado sujeitos dentro dessas acepções, assim, “[...] um corpo não é só um corpo. É, ainda, o conjunto de signos que compõe sua produção” (GOELLNER, 2012, p. 37). Seguindo esse viés, percebemos que não são dadas possibilidades de o corpo masculino ocupar um lugar tido enquanto feminino.

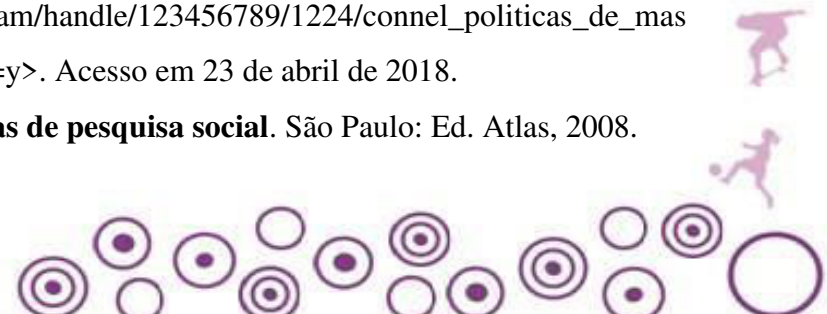
Breves considerações

Com relação à pergunta que norteou nosso estudo “Quais os principais condicionantes que contribuem para o processo de estranhamento do professor homem no contexto da educação infantil?”, compreendemos que essas relações estão permeadas por uma matriz de ordem cultural, responsável por naturalizar um conjunto de construções arraigadas em relações sexistas. Assim, em meio esse processo, as instituições corroboraram criando situações para que essas estruturas fossem possíveis.

Face as questões apresentadas, consideramos necessário subverter a lógica imposta nesses espaços. Desestabilizar as construções sobre os corpos e consecutivamente possibilitar novos sentidos à docência é uma realidade que se faz presente no interior das instituições. Com isso, estaremos rompendo com os quadros sexistas que durante muito tempo estiveram servindo de instrumento para hierarquizar os/as indivíduos/as dentro de lógicas binárias.

Para além, precisamos pensar outras possibilidades de masculinidades que não estejam ancoradas numa matriz hegemônica que historicamente delimitou os espaços que podiam ser ocupados pelos homens. Permitir novos ensaios, espaços e práticas para estes, consiste em desmistificar a lógica machista que durante muito tempo esteve assentada nas relações sociais.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CONNELL, Robert W. **Políticas da Masculinidade**. Educação & Realidade. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1224/connel_politicas_de_masculinidade.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 23 de abril de 2018.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Ed. Atlas, 2008.
- 



GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LAGE, Allene. **Educação e Movimentos Sociais: Caminhos para uma pedagogia de luta**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, (2013).

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica: 2000.

SANTOS, Maria do Carmo Gonçalo. **As contribuições do currículo da formação para a prática pedagógica docente com gênero e sexualidade na educação básica**. Tese (Doutorado em Educação). UFPE. Recife, 2016.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

